

Reportagem Especial

MORADORES DE RUA

Vida na rua após brigas de família

Falta de emprego e vícios levam mais de mil pessoas a morarem nas ruas da Grande Vitória. Problema atinge todas as classes sociais

Daniel Figueredo

Mais de mil pessoas foram parar nas ruas dos sete municípios da Grande Vitória após brigas de família.

Seja por vício em álcool e outras drogas, desentendimentos ou perda de emprego, o fato é que a maioria delas, segundo as prefeituras, saiu de casa após algum tipo de conflito familiar.

A coordenadora do Serviço Especial em Abordagem Social de Vitória, Luciana Gatti, confirma que pelo menos 170 pessoas que vivem nas ruas da capital deixaram seus lares em função de conflitos de família.

“A partir dos conflitos é que são geradas as outras circunstâncias. Entram os casos de dependência química, que tem como raízes o desarranjo familiar,” observou.

Ela acrescentou que os problemas relacionados ao emprego acabam afetando a família. “Alguns entram em desespero e caem no mundo da bebida e das drogas”.

Luciana Gatti reconhece, porém, que a reinserção desses moradores de rua na família é complicada.

“É necessário fazer uma mediação, muitas vezes a família perdeu a esperança de recuperação. Em alguns casos, a dependência química já é grande e, sem tratamen-



ADEMIR RIBEIRO/AT

EXPULSO

“Só volto se estiver bem”

Filho de um engenheiro baiano, Alexandre R. F., o Baiano, 30, há cinco anos mora nas ruas. Passou por Belo Horizonte, Minas Gerais, e há cinco meses está no centro de Vila Velha.

Após perder a mãe e ficar desempregado, se separou da mulher, com quem tem três filhos. Quando voltou para a família, acabou expulso depois de o pai ficar sabendo que usava crack.

“Mudei de cidade e vendi minha casa. Desde então, não vejo meus filhos. Hoje eu bebo o dia todo, mas só volto se estiver bem, pois sei o que vão falar.”

to, não consegue ficar na casa. Em outros casos, após muito tempo na rua, a pessoa não se adapta mais às regras da casa”, disse.

Durante uma semana, a reportagem de **A Tribuna** percorreu os municípios da Grande Vitória e constatou que o problema atinge os mais diversos setores da sociedade.

De servidores públicos e filhos de engenheiros aos mais simples lavadores de carro e pedreiros,

muitos acabaram indo para as ruas por conta de problemas de família.

Há um senso comum de que as pessoas em situação de rua são pobres, desprovidas de educação ou dinheiro, mas nem sempre é assim, segundo a coordenadora do Centro de Referência Especializado de Assistência Social para População de Rua (Centro-Pop) de Vila Velha, Letícia Valim.

“O que as pessoas falam, que a

extrema pobreza levou à situação de rua, não é verdade”, observou.

O gerente de Proteção Especial de Média Complexidade de Cariacica, Wander Rodrigues, afirmou que o álcool é apontado como o maior responsável pela permanência das pessoas nas ruas.

“Muitos até param por algum tempo, mas depois retornam ao uso do álcool, sendo necessário um novo trabalho”, explicou.

OS NÚMEROS

1 mil

é o número de moradores de rua na Grande Vitória

170 pessoas

em Vitória moram na rua

Trapezista já viajou o País inteiro

Em busca da irmã, o ex-trapezista, Luis Carlos dos Santos, 66, saiu há três anos de Niterói, Rio, onde morava. Ele ouviu dizer que ela, Corina Medeiros dos Santos, morava em algum bairro de Vila Velha e decidiu vir ao seu encontro com o objetivo de conseguir uma situação melhor de vida.

Após abandonar o circo, aos 40 anos, ele acabou se tornando flanelinha e “morava” numa vaga de albergue. “Fui criado em circo, desde pequeno. Viajei o País todo.

Mas quem mora em circo não mora em lugar nenhum. Eu já estava velho para trabalhar, saí do circo e acabei indo para Niterói vigiar carros”, afirmou Santos.

Quando chegou a Vitória e não encontrou a irmã, o ex-trapezista tentou fazer o que já sabia: vigiar carros. Acabou passando os últimos três anos nas ruas do centro da capital.

Além de seus pertences, um carrinho de feira com algumas roupas e documentos, ele possui na me-

mória a família, que gostaria de encontrar: a filha, a neta e a ex-mulher. “Elas moram em Recife, Pernambuco. Mas não tenho dinheiro ou condições de encontrá-las. Perdi os contatos. O nome delas?”, parou para pensar um pouco.

“A minha filha se chama Luana Valdeio, está com 39 anos. Tenho uma neta, que agora deve ter 12 anos. Minha esposa, Lucila, mora com elas. Sinto muita falta delas, mas mal tenho dinheiro para sobreviver, como que vou conseguir para viajar?”

Passando o dia em frente aos galpões do Porto de Vitória, ele bebe goles de cachaça, que guarda numa garrafa PET, enquanto lembra da vida do circo.

“Trabalhei em circos como Tihany e o Bartolo, conheci Manaus, Belém, São Luís e outras cidades. Mas nunca quis ser rico, nunca pensei nisso. Ganhava um bom dinheiro lá, mas a idade chegou e eu não tinha nada. Tudo que eu quero é encontrar a minha família, adoro minha filha, minha irmã e não conheço minha neta. Você vai me ajudar a encontrá-las?”



KADIDJA FERNANDES/AT

DEPOIS DE abandonar o circo, aos 40 anos, Luis Carlos acabou se tornando flanelinha e vive há três anos nas ruas do centro de Vitória

BRIGA COM IRMÃO

ANTONIO MOREIRA/AT



Ex-soldado vive com 4 cães

Ex-soldado do Exército, João Mendonça da Silva, 65, vive nos arredores de Bento Ferreira, com quatro cachorros. Há dois anos, ele deixou a casa que dividia com o meio-irmão em Gurigica.

“Meu irmão bebe e eu não supor-

to gente bêbada. Em casa, não havia para onde fugir, pensei em dar um tempo para não ir para a cadeia por causa das brigas. Aqui, pelo menos, se encontro gente bêbada ou drogada, posso ir embora, para cuidar dos meus cachorros.”

Reportagem Especial

MORADORES DE RUA

Ex-servidor mora embaixo de árvore

Há 12 anos, o então servidor público João Carlos Cabral Zardini, 52, brigou com o irmão, deixou o apartamento que dividia com ele e saiu pelas estradas do País, “para diminuir a raiva”.

As brigas ainda são guardadas com rancor e relatadas em poucas palavras. Sentado sob uma castanheira na praia de Ponta da Fruta, com um paletó, um PET com cachaça e três bolsas com mantimentos, livros e cadernos, João Carlos desenha numa das folhas.

“Se eu tivesse metade da vida que tinha antes, seria bom. Mas não quero voltar para as brigas de minha casa. Além de servidor público, eu era cartunista em jornais daqui do Estado.”

Quando saiu de casa, a raiva era apenas com o irmão. Nas ruas, o sentimento de decepção foi se ampliando. “Quando saí, eu estava cansado de brigar com meu irmão, com meus vizinhos. Hoje a desilusão é com a humanidade.”

Sempre bebendo, ele admite que a sua relação com o álcool mudou depois que se tornou andarilho.

“Quando era novo na rua, achava que beber era para otário. Não tem jeito, o álcool é a única forma de acabar com o vazio que sentimos”, disse João Carlos.

Diferente de muitos casos de moradores de rua, ele veio de família de classe média. Aos 40 anos, deixou tudo para trás.

Hoje, vive da ajuda de alguns moradores de Ponta da Fruta, mas nem sempre é assim. “O problema não é nem morar na rua. Sol e frio, aguentamos. O problema mesmo é o comportamento das pessoas. Somos humilhados, roubados, espancados, mesmo não fazendo nada.”

No bairro há quatro meses, criou uma rotina: nas manhãs, senta-se ao pé de uma castanheira onde faz seus desenhos e escreve poesias. À tarde, para em frente a um supermercado e depois dorme sob marquises na Rodovia do Sol.

O desejo de sair da rua, segundo ele, é um misto de saudade e repúdio. “Vivo essa falsa liberdade. Gostaria de poder voltar, desenhar em um ambiente fechado, trabalhar. Mas já não consigo me adaptar.”

“O álcool é a única forma de acabar com o vazio que sentimos, a única forma de ocupar a ociosidade”

João Carlos Zardini, morador de rua



ANTÔNIO MOREIRA/AT

EX-SERVIDOR PÚBLICO, João Carlos, 52, foi para as ruas depois de brigar com um irmão, há 12 anos. Hoje, costuma escrever poesias e fazer desenhos (abaixo) sob uma castanheira, em Ponta da Fruta



ESPERANÇA

“Quero vencer o álcool”

Ex-jogador de futebol no Serra, Marjúlio Ramos, 36 anos, acabou tornando-se alcoólatra quando deixou o futebol. Segundo ele, o álcool foi o que arruinou a sua vida e o levou às ruas, há dois anos.

“Tive desentendimentos com a minha esposa por causa do álcool. Eu sou alcoólatra e a bebida estragou a minha vida. Gostaria de voltar e vencer a batalha contra o álcool.”



ADEMIR RIBEIRO/AT

Ex-cobrador do Transcol: “A droga acabou comigo”

O uso de cocaína começou ainda quando Juacir Bento, 50, era cobrador do sistema Transcol. Usuário de drogas, acabou indo morar nas ruas ao perder o emprego.

Sem filhos e demitido da empresa onde trabalhava, deixou a casa após vender tudo que tinha quando começou a ficar viciado em crack. “A droga acabou comigo. Fiquei morando três anos na rua, gastei tudo o que tinha, vendi meu carro e sai de casa.”

Morando embaixo da Segunda Ponte, ele conta que viu pessoas sendo procuradas por traficantes, que levantavam os papelões que usavam para se cobrir à noite.

Ele decidiu sair da rua quando

foi pego roubando vidros de azeite para comprar a droga.

“Eu roubava vidros de azeite nos supermercados para comprar crack. Um dia um segurança me pegou e apanhei, fui liberado e tentei roubar em outro supermercado. Apanhei de novo. Ali percebi que devia tentar sair da rua ou iria morrer”, relembra Juacir.

Hoje, trabalhando como ajudante de pedreiro em uma construtora, ele não se enquadra mais nas estatísticas de moradores de rua.

Porém, o vício em crack não foi tratado. “Está no sangue, não consigo parar, mas se Deus me ajudar, vou conseguir sustentar meu vício com o fruto do meu trabalho.”



DANIEL FIGUEIREDO

“Fui expulso por usar crack”

Quando ainda era estudante do ensino médio, Paulo de Jesus Elias, 29, foi expulso de casa pelos pais depois que eles descobriram que o filho usava crack.

“Depois de um tempo, acabei tendo que sumir. Tem sete anos que vivo nas ruas. Já não uso drogas, fiquei doente e consegui parar. Só volto para minha família quando eu puder chegar lá de cabeça erguida, com emprego.”



ADEMIR RIBEIRO/AT

JUACIR arrumou emprego mas ainda não conseguiu se livrar das drogas